

1 - Professora do Departamento de Enfermagem na Assistência Hospitalar. Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Uberaba-MG, Brasil. E-mail: tanyse.galon@uftm.edu.br

2 - Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Psiquiátrica. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto - SP, Brasil. E-mail: aline.coscrato@usp.br

CYBERBULLYING NO AMBIENTE DE TRABALHO: UMA REFLEXÃO A PARTIR DE REPORTAGENS JORNALÍSTICAS

GALON, Tanyse¹
COSCRATO, Aline²

RESUMO: O presente estudo teve como objetivo refletir sobre o cyberbullying no ambiente de trabalho, a partir de reportagens publicadas sobre o tema em jornais online. Foi desenvolvida uma pesquisa documental nos jornais Folha de São Paulo, G1 e El País, realizada entre janeiro e fevereiro de 2019, com o termo de busca “cyberbullying”, incluindo-se publicações até 2018. Reportagens correlacionadas também foram incluídas. Por fim, oito publicações sobre o tema de interesse foram identificadas. A partir da leitura das reportagens na íntegra, as seguintes questões foram discutidas: o cyberbullying em professores, uma das categorias laborais mais suscetíveis a essa prática; o cyberbullying nos diversos contextos de trabalho, com efeitos deletérios para a saúde física e mental dos trabalhadores; e o cyberbullying relacionado ao uso de aplicativos, que podem se tornar instrumentos de agressão virtual inclusive nos ambientes de trabalho. Frente a esses achados, identificou-se a necessidade de maiores pesquisas sobre o cyberbullying nos contextos laborais, concomitante à criação de estratégias de promoção de espaços de trabalho mais colaborativos e de cooperação entre os trabalhadores e gestores, por meio de uma cultura organizacional que valorize o respeito nas relações humanas e a ética na comunicação online.

PALAVRAS-CHAVE: Cyberbullying. Ambiente de Trabalho. Saúde do Trabalhador. Saúde Mental. Jornalismo.

ABSTRACT: This study aimed to reflect on cyberbullying in the workplace, based on reports published on the topic in online newspapers. A documentary research was carried out in the newspapers Folha de São Paulo, G1 and El País, carried out between January and February 2019, with the search term “cyberbullying”, including publications until 2018. Correlated reports were also included. Finally, eight publications on the topic of interest were identified. From the reading of the reports in full, the following issues were discussed: cyberbullying in teachers, one of the job categories most

susceptible to this practice; cyberbullying in different work contexts, with negative effects on workers' physical and mental health; and cyberbullying related to the use of applications, which can become instruments of virtual aggression even in the workplace. In view of these findings, it was identified the need for further research on cyberbullying in work contexts, concomitant to the creation of strategies to promote more collaborative work spaces and cooperation between workers and managers, through an organizational culture that values respect in human relations and ethics in online communication.

KEYWORDS: Cyberbullying. Workplace. Worker's health. Mental health. Journalism.

INTRODUÇÃO

O cyberbullying é um fenômeno cada vez mais frequente na sociedade contemporânea, sobretudo frente aos constantes avanços tecnológicos, em especial no âmbito das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). O conceito de cyberbullying apresenta heterogeneidades na literatura científica, com semelhanças e diferenças entre distintos autores, o que evidencia a dinamicidade e complexidade dessa prática e suas consequências (FERREIRA; DESLANDES, 2018).

Frente ao aumento do bullying e do cyberbullying a nível mundial, foi publicada no Brasil a Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015, que instituiu o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying) (BRASIL, 2015). Segundo a referida lei, o cyberbullying consiste na intimidação que se dá na rede mundial de computadores, por meio da utilização de “instrumentos que lhe são próprios para depreciar, incitar a violência, adulterar fotos e dados pessoais com o intuito de criar meios de constrangimento psicossocial” (BRASIL, 2015).

Apesar do cyberbullying em si não ser considerado crime, práticas a ele associadas podem ser definidas como criminosas, dentre elas a injúria, difamação, constrangimento ilegal, ameaça, extorsão, entre outras (DPE/SP, 2017). Basicamente, o cyberbullying envolve a figura da vítima e do agressor, que pode ser um indivíduo ou grupo (DPE/SP, 2017). Entretanto, o papel da “audiência” também tem

sido discutido como crucial para a dimensão do cyberbullying, visto que tem o potencial de ser um instrumento de influência e de propagação rápida e ampla das agressões virtuais (FERREIRA; DESLANDES, 2018).

No cyberbullying, a vítima se sente exposta, desprotegida e até paranoica, o que pode gerar impactos negativos à sua saúde mental. A descrição direta e invasiva das vítimas, ligada ao anonimato e senso de impunidade dos agressores, torna o cyberbullying uma prática extremamente danosa, de rápida propagação e desafiante em termos de investigação, controle e resolução (DPE/SP, 2017).

O cyberbullying é comumente discutido no universo das crianças e adolescentes. Por ser um fenômeno frequente entre esses grupos, o cyberbullying pode envolver também os pais ou cuidadores, a escola, os professores, os gestores educacionais, os profissionais da saúde, entre outros pares, em decorrência das causas e consequências dessa prática (FUJITA; RUFFA, 2019). Entretanto, destaca-se neste estudo que o cyberbullying tem ultrapassado fronteiras, alcançando também os ambientes de trabalho.

O assédio moral no trabalho, considerado violência baseada em humilhações, agressões, psicoterror e abusos de poder que interferem na saúde dos trabalhadores e em suas trajetórias profissionais, é um fenômeno de discussão significativa no campo das pesquisas sobre o mundo do trabalho e a saúde do trabalhador (ANDRADE; ASSIS, 2018). No entanto, são escassos os estudos específicos sobre o cyberbullying no ambiente de trabalho, cujos resultados poderiam gerar subsídios para a criação de estratégias de prevenção, identificação e superação desse problema no cotidiano laboral.

Por conseguinte, o presente estudo teve como objetivo refletir sobre o cyberbullying no ambiente de trabalho, a partir de reportagens publicadas em jornais online.

MÉTODO

Estudo descritivo, exploratório, de abordagem qualitativa, do tipo pesquisa documental, que visa investigar e analisar

materialidades, buscando-se selecionar, organizar e interpretar informações obtidas, a fim de discutir e refletir sobre determinado fenômeno de interesse ou identificar como determinado tema tem sido tratado dentro de um contexto específico (KRIPKA; SCHELLER; BONOTTO, 2015). No âmbito da pesquisa qualitativa, os documentos podem ser leis, normas, arquivos, diários, cartas, pareceres, jornais, revistas, entre outros (LÜDKE; ANDRÉ, 2012; FLICK, 2009; KRIPKA; SCHELLER; BONOTTO, 2015).

Como materialidade de análise do tema “cyberbullying no ambiente de trabalho”, foram selecionados alguns jornais, dentre eles Folha de São Paulo, G1 e a Edição Brasil do Jornal El País, todos em versão online. Esses jornais foram escolhidos por fornecerem informações, análises e opiniões sobre diversos temas no contexto brasileiro e mundial, dentre eles política, economia, saúde, questões sociais, etc. Os referidos jornais desenvolvem publicações diárias e com temas diversos, o que permitiu às autoras o acesso a informações significativas sobre a temática selecionada.

A pesquisa foi efetuada entre janeiro e fevereiro de 2019, por meio de busca nos sítios eletrônicos dos referidos jornais, a partir de critérios de busca previamente definidos, descritos no Quadro 1.

Quadro 1 – Critérios de busca

Critérios de busca	
Termo de busca	Cyberbullying
Critérios de inclusão	<ul style="list-style-type: none"> - Reportagens publicadas nos jornais online Folha de São Paulo, G1 e El País Brasil; - Publicadas até dezembro de 2018; - Reportagens específicas sobre o tema “cyberbullying no ambiente de trabalho”.
Critérios de exclusão	<ul style="list-style-type: none"> - Reportagens sobre cyberbullying em outros grupos e contextos (crianças, adolescentes, etc.).

Inicialmente, acessou-se a página eletrônica dos jornais selecionados, com inserção do termo “Cyberbullying” em “Buscar”

(por meio de click na lupa, apresentada normalmente no canto superior direito da página). Após, as autoras filtraram as buscas através da seleção “Organizar por data” ou “Mais recentes”, obtendo acesso a todas as publicações efetuadas sobre o tema, com detalhamento da data de publicação. Posteriormente, as autoras efetuaram a leitura dos títulos e do lead das publicações, selecionando-as a partir dos critérios de inclusão e exclusão. Após, foram feitas as leituras das publicações na íntegra, o que culminou na seleção final das reportagens a serem analisadas, totalizando seis publicações.

Durante as buscas, surgiram “reportagens relacionadas” ao tema de estudo, sendo incluída uma publicação do jornal The Guardian, importante para a discussão do tema. Portanto, ao final foram selecionadas sete reportagens, visando uma reflexão sobre o cyberbullying no ambiente de trabalho.

Um protocolo no Programa Excel foi criado para mapeamento das informações relevantes, dentre elas: identificação do artigo, data de publicação, link para acesso, título, lead, local de publicação e síntese da discussão. Posteriormente, os resultados foram categorizados em temas. A partir dos achados, buscou-se uma discussão sobre como o cyberbullying ocorre no ambiente de trabalho, bem como suas repercussões para os trabalhadores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Quadro 2 a seguir apresenta as reportagens identificadas, segundo jornal, data de publicação, título e subtítulo, local da reportagem e tema central.

Quadro 2 – Características gerais das publicações (n=7).

Jornal	Data	Título e Subtítulo	Local da Reportagem	Tema Central
Folha de São Paulo	18/07/2010	Professor vira alvo de chacota e ofensa de aluno na internet.	São Paulo, Brasil	Cyberbullying em professores

		<i>Por causa de uma nota baixa ou por pura implicância, estudante usa site para humilhar o mestre em público. Docentes costumam ficar calados, segundo sindicatos, porque as escolas tendem a tomar partido dos estudantes.</i>		
G1	18/04/2012	Foto que mostraria professora nua gera polêmica em escola na Califórnia. <i>Professora diz que foi vítima de cyberbullying. Distrito escolar de 'Las Virgenes' abriu investigação.</i>	Califórnia Estados Unidos	Cyberbullying em professores
G1	16/09/2013	Um em cada três brasileiros já sofreu cyberbullying no trabalho, diz estudo. <i>Prática de usar internet para difamar colegas cresceu nos últimos anos. 25% acreditam que mídias sociais prejudicam privacidade no trabalho.</i>	São Paulo, Brasil	Cyberbullying nos diversos contextos de trabalho
G1	18/10/2013	'Internet é a pátria dos covardes', diz professora vítima de cyberbullying. <i>Comunidade foi criada na internet para perseguir a doutora em psicologia social. Sueli conta que 'transformavam tudo em uma cafajestice inominável'.</i>	São Paulo, Brasil	Cyberbullying em professores
G1	16/12/2015	Cyberbullying contra professores aumenta e se	São Carlos, Brasil	Cyberbullying em professores

		agrava, diz pesquisa. <i>Estudo foi realizado por docentes da UFSCar e da Universidade de York. Motivos vão da alta do número de celulares ao prazer dos agressores.</i>		
The Guardian	30/03/2017	Cyberbullying in the workplace: 'I became paranoid'. <i>Technology has blurred the line between professional and personal life, giving bullies more ways to reach their victims.</i>	Londres, Inglaterra	Cyberbullying nos diversos contextos de trabalho
El País	28/08/2017	Sarahah, o 'aplicativo da sinceridade' que fomentou o Cyberbullying. <i>Aplicativo criado para o envio de críticas construtivas às equipes nos locais de trabalho vira febre e torna-se ferramenta de assédio.</i>	Preston, Reino Unido	Cyberbullying no trabalho e o uso de aplicativos

A maior parte das reportagens identificadas nos jornais selecionados, durante a busca inicial por meio da palavra-chave “cyberbullying”, envolvia a ocorrência desse fenômeno sobretudo em crianças e adolescentes, bem como publicações sobre a necessidade de diálogo e conscientização desses grupos, incluindo familiares e até professores, sendo a escola um rico espaço de colaboração para a identificação e promoção de estratégias preventivas e de superação do problema. Entretanto, foram escassas as reportagens sobre cyberbullying relacionado ao trabalho, o que indica a necessidade de maior discussão sobre o tema, em especial porque bullying, bullying virtual, cyberbullying, assédio moral no trabalho, entre outros

conceitos, comumente se confundem, exigindo maior sistematização sobre o assunto.

A maior parte das publicações reportou casos de cyberbullying em professores, perpetrado por alunos a partir de contextos escolares ou universitários, sugerindo que essa categoria laboral se encontra vulnerável ao fenômeno. Reportagens sobre cyberbullying no ambiente de trabalho, discutindo o tema de forma geral a partir de experiências de trabalhadores, também foram identificadas. Por fim, a questão das tecnologias relacionadas ao cyberbullying, dentre elas o uso de aplicativos, também foi abordada em uma das publicações, indicando a importância de uma discussão permanente sobre o uso dessas ferramentas e a necessidade de estratégias de fiscalização, prevenção e conscientização sobre o cyberbullying nesses contextos.

CYBERBULLYING EM PROFESSORES

Uma reportagem do jornal Folha de São Paulo (2010) discutiu a questão do cyberbullying em professores, ainda no contexto do “Orkut”, uma das primeiras redes sociais de sucesso dos anos 2000. A publicação descreveu a existência de milhares de grupos de discussão no Orkut, com termos como “odeio” e “professor”, incluindo citações de dados pessoais de docentes. As publicações apresentavam textos com indicativos de calúnia, difamação e injúria, considerados crimes no Brasil. Destacou-se que docentes do ensino superior também sofriam cyberbullying, com consequências negativas para sua saúde mental e prejuízos em seu desempenho no trabalho, inclusive com relatos de casos de demissão das próprias vítimas (FOLHA DE SÃO PAULO, 2010).

Frente a essas situações, a reportagem destacou a necessidade de incluir o bom uso da internet nas grades curriculares e no cotidiano de formação dos alunos, bem como estratégias de notificação e manejo do cyberbullying por parte das instituições educacionais ou órgãos pertinentes, aspectos imprescindíveis para a superação dessa prática (FOLHA DE SÃO PAULO, 2010). Nesse sentido, torna-se evidente que antigos desafios do mundo tecnológico ainda permanecem

urgentes, em especial frente aos avanços das redes sociais e do seu acesso em todo o mundo.

Evidenciando que os professores são uma categoria profissional exposta ao cyberbullying, uma das reportagens apresentou o caso de uma professora do ensino superior vítima desse tipo de agressão (G1, 2013). A docente sofreu difamação em uma rede social por parte de alunos, situação que prejudicou um de seus planos de carreira, além de outras consequências negativas para sua vida profissional e pessoal, levando-a a reivindicar a necessidade de punições mais justas e severas aos agressores (G1, 2013).

A referida reportagem também discutiu as peculiaridades do cyberbullying, visto que uma difamação feita no campo da internet, especialmente das redes sociais, multiplica-se em alta velocidade e de maneira incontrolável. A vítima comumente sente que o registro da agressão nunca irá desaparecer e que perdeu o controle de resolver a situação, o que prolonga a angústia e o sofrimento, gerando graves consequências que podem conduzir até a casos de suicídio (RESETT; PUTALLAZ, 2018). Paralelo a essas questões, o anonimato do agressor intensifica a violência e a crueldade dos atos, tornando o cyberbullying um fenômeno complexo e de difícil controle (G1, 2013).

Frente ao ocorrido, a docente relatou que “lutou sozinha” durante o processo, sem um real apoio institucional. Sobre as relações no contexto universitário, Cupertino, Garcia e Honório (2014) alertam sobre a escassez ou inexistência de uma cultura solidária nos espaços de trabalho, geradas pelas disputas profissionais e por barreiras na comunicação profissional. Frente a essas dificuldades, os professores se sentem imóveis ou impotentes, e por fim, recorrem a atitudes individualizadas contra o sofrimento no trabalho, ao invés de buscarem soluções coletivas para esses enfrentamentos (CUPERTINO; GARCIA; HONÓRIO, 2014).

Reiterando a vulnerabilidade dos professores ao cyberbullying, reportagem do G1 (2015) apresentou resultados de uma pesquisa feita na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), em parceria com a Universidade de York, na Inglaterra, que buscou analisar como

estudantes brasileiros e ingleses de 14 a 17 anos praticavam cyberbullying contra professores (G1, 2015).

Segundo a reportagem, a referida pesquisa evidenciou que o cyberbullying esteve relacionado à expansão das redes sociais, ao aumento do número de celulares e ao prazer dos agressores, que usufruem dessa prática especialmente quando desejam e conseguem um elevado número de acessos e comentários em suas publicações (G1, 2015). Estudo de Ferreira e Deslandes (2018) destaca o importante papel da audiência no contexto da perpetração, que pode ser decisivo para identificar e impedir a propagação do cyberbullying, ao mesmo tempo em que pode elevar a dimensão e as consequências negativas dessa prática. Diferente do bullying, que é presencial e limitado ao público no momento da agressão, o cyberbullying pode crescer sem controle, o que intensifica o caráter danoso desse fenômeno (FERREIRA; DESLANDES, 2018).

A referida reportagem também discutiu que, entre os “cyberbullies”, o desejo de expor a agressão é maior que o medo da punição, e as práticas de cyberbullying comumente são mais humilhantes e degradantes do que aquelas cometidas presencialmente (G1, 2015). Além disso, a violência virtual se agrava ao utilizar imagens pessoais e até distorcidas, como no caso de uma professora na Califórnia, Estados Unidos, que relatou ter sido vítima de cyberbullying ao ter uma foto sua publicada na internet, que segundo ela foi alterada para que parecesse estar nua (G1, 2012). A literatura científica sobre o tema também destaca o caráter danoso do uso de imagens e vídeos no cyberbullying, gerando maior exposição e maior prejuízo psicossocial à vítima (FERREIRA; DESLANDES, 2018).

Por fim, as discussões desenvolvidas na reportagem destacaram: a importância do diálogo para combater a prática do cyberbullying, buscando uma reflexão coletiva sobre os aspectos éticos, sociais e culturais que estão relacionados ao uso das redes sociais; a necessidade de melhorar a forma de diálogo desse assunto junto aos pais e a importância do desenvolvimento de equipes multidisciplinares nas escolas, como mediadoras dessas situações; e

a criação e fortalecimento de um “clima cultural anti-bullying e cyberbullying” entre alunos, pais, professores e gestores educacionais, problematizando estratégias que visem a reflexão e conscientização desses pares (G1, 2015).

Além dessas estratégias, cabe destacar a necessidade de medidas e recursos de suporte psicológico aos professores, frente às diversas formas de sofrimento mental no trabalho, dentre elas a ocorrência de cyberbullying. Culturas institucionais mais abertas ao diálogo, com canais de discussão permanente sobre o cotidiano de trabalho junto aos professores e gestores, pode ser uma ação de extrema relevância para a redução dos danos e prevenção de novas situações de cyberbullying nesse grupo.

CYBERBULLYING NOS DIVERSOS CONTEXTOS DE TRABALHO

Outras categorias profissionais também estão expostas ao cyberbullying, indicando que se trata de uma realidade presente no mundo laboral como um todo, assunto importante a ser discutido devido à escassez de estudos sobre o tema e aos impactos negativos aos trabalhadores.

Reportagem do G1 (2013) apresentou resultados de uma pesquisa realizada em uma empresa no Brasil, identificando que um em cada três trabalhadores já haviam sofrido cyberbullying relacionado ao trabalho. A pesquisa também identificou que 25% deles consideravam que as mídias sociais prejudicavam sua privacidade no trabalho, 70% se sentiam constrangidos em não aceitarem solicitações de amizade de colegas de trabalho mesmo a contragosto, e apenas 58% dos entrevistados relataram que entrariam em contato com seu chefe, gerente ou recursos humanos frente a uma situação de cyberbullying (G1, 2013). Nesse sentido, a reportagem enfatizou a necessidade de se discutir a ética nas comunicações online nas empresas, buscando-se estratégias de prevenção e identificação do problema (G1, 2013).

Reportagem do The Guardian (2017) ressaltou o “lado sombrio” dos avanços tecnológicos no cotidiano dos trabalhadores, a partir do

caso de uma trabalhadora em uma empresa de relações públicas em Londres, vítima de cyberbullying.

Segundo o relato, colegas de trabalho trocavam e-mails e mensagens de texto em uma mesma sala, sob risos coletivos, quando acidentalmente a trabalhadora recebeu um e-mail com insultos a ela dirigidos. Outras formas de agressão se sucederam, como envio de informações erradas sobre reuniões (horários, por exemplo), levando-a a atrasos inesperados, bem como não recebimento proposital de informações importantes, que prejudicavam seu desempenho laboral e sua imagem perante a chefia. Com isso, ela relatou um constante medo de ir ao trabalho, além de tornar-se ansiosa e “paranoica”, visto que qualquer e-mail ou demanda recebida lhe gerava insegurança e desconfiança. Após notificar a gestão e não receber um apoio adequado, a trabalhadora decidiu pedir demissão, sobretudo em decorrência do sofrimento mental que passou a enfrentar (THE GUARDIAN, 2017).

Nesse sentido, o cyberbullying e o adoecimento mental das vítimas possuem estreita relação. As psicopatologias estão presentes entre os envolvidos no cyberbullying, incluindo depressão, uso de drogas, ideação suicida e suicídio, estresse, solidão e ansiedade, entre outras (FERREIRA; DESLANDES, 2018). Considerando ainda os contextos de trabalho, os transtornos mentais ocupam atualmente o terceiro lugar entre as principais causas de afastamento do trabalho no Brasil, com destaque para os episódios depressivos e os transtornos ansiosos (BRASIL, 2018). Entretanto, esses números são ainda mais alarmantes em decorrência das subnotificações e do presenteísmo, visto que muitos trabalhadores permanecem em suas atividades laborais mesmo adoecidos, o que intensifica os processos de morbidade (ZUZELO, 2017; NETO et al., 2017).

Outro caso apresentado na reportagem (THE GUARDIAN, 2017) indicou que o cyberbullying pode alcançar o trabalhador até em contextos fora do trabalho. Uma profissional relatou ter sofrido difamação e injúria por parte de colegas de trabalho, a partir de fotos que publicou em uma rede social em suas férias. A partir disso, a

reportagem reitera que as tecnologias têm reduzido ou anulado as fronteiras entre a vida pessoal e a vida profissional, causando danos à saúde mental dos trabalhadores. A reportagem também destaca que o rompimento dessas fronteiras gera um maior território para os agressores, que possuem novas maneiras de se “infiltrar na vida das vítimas fora do horário do expediente” (THE GUARDIAN, 2017). Além disso, o cyberbullying gera uma “mentalidade de gangue/matilha” nos locais de trabalho, deixando a vítima isolada e fragilizada (THE GUARDIAN, 2017).

Antunes (2018) destaca que as atuais conformações do mundo do trabalho têm ampliado a diluição entre o tempo dentro e fora do trabalho, especialmente com as novas tecnologias que cobram tarefas à distância e a todo momento, situação que reduz as potencialidades da vida pessoal e intensifica o estresse vivenciado. Além disso, a existência de uma forte cultura de competição e individualismo nesses contextos laborais pode gerar isolamento e estresse aos trabalhadores (ANTUNES, 2018). Esse panorama gera a hipótese de que o cyberbullying pode estar relacionado não só a um comportamento individual do agressor, mas também às formas de organização do trabalho nas empresas e instituições, especialmente quando favorecem a competição voraz e a pressão por desempenho entre os profissionais e equipes.

Por conseguinte, a referida reportagem reiterou a necessidade de desenvolver políticas corporativas que explicitem que o cyberbullying será sujeito a conduta disciplinar, entre outras consequências legais, independentemente se ocorrer dentro ou fora do espaço de trabalho. A busca de diálogo permanente e a construção de uma cultura de reflexão e prevenção do cyberbullying no ambiente laboral também foram apontadas como ações fundamentais frente ao problema (THE GUARDIAN, 2017). Nessa busca, reitera-se que o sofrimento mental do trabalhador também precisa ser discutido e amparado. A Organização Internacional do Trabalho (OIT) destaca que a proteção da saúde mental dos trabalhadores deve se concentrar em estratégias preventivas, com protagonismo dos trabalhadores na

discussão sobre o tema (OIT, 2016). Corroborando com essa afirmativa, a Organização Mundial da Saúde (OMS) destaca que instituições devem adotar estratégias de intervenção a favor da saúde e bem-estar dos trabalhadores, incluindo prevenção, identificação precoce, apoio e reabilitação (ONU, 2017).

CYBERBULLYING NO TRABALHO E O USO DE APLICATIVOS

Aplicativos também podem se tornar instrumentos diretos de prática de cyberbullying, inclusive nos ambientes de trabalho. Reportagem do jornal El País (2017) discutiu o aplicativo “Sarahah”, que em árabe significa “sinceridade”. Segundo informações do seu criador, o aplicativo foi elaborado com o objetivo de ser “um veículo anônimo de críticas construtivas às equipes nos locais de trabalho” (EL PAÍS, 2017). Os usuários desse aplicativo não precisavam ter uma conta, o que lhes permitia a troca de mensagens anônimas. Entretanto, com mais de 300 milhões de usuários, o aplicativo foi palco de inúmeros casos de cyberbullying em todo o mundo, chegando a relatos de pessoas que recebiam mensagens depreciativas ou ofensivas, como o caso de uma usuária que recebeu incitações para cometer suicídio. Segundo a reportagem, o criador do aplicativo relatou ter considerado esse risco, criando estratégias de filtragem e bloqueio de mensagens inadequadas ou agressivas. Contudo, a reportagem enfatizou que a empresa possuía apenas três funcionários, o que em termos práticos impossibilitou a fiscalização permanente dos milhões de usuários registrados (EL PAÍS, 2017).

Esse e outros aplicativos, como Ask.fm, Formspring, Yik Yak, After School e Secret, estiveram ligados a casos de suicídio nos Estados Unidos e Grã-Bretanha (EL PAÍS, 2017). Opiniões de usuários e especialistas alertaram para o perigo do uso danoso e inadequado desses aplicativos, porém discursos de culpabilização das vítimas também foram identificados, por meio de afirmativas como “se não quer sofrer assédio, não use o aplicativo” (EL PAÍS, 2017). No entanto, é evidente que a prática do cyberbullying deflagra em si um ato de violência e agressão que gera danos físicos, psicológicos e sociais

sobretudo às vítimas, bem como efeitos deletérios para o próprio agressor e o público que presencia e dá vazão ao cyberbullying, em uma espécie de banalização ou perpetuação de uma violência virtual coletiva. Destaca-se ainda que, no ambiente de trabalho, esses aplicativos podem se tornar instrumentos de assédio moral no trabalho, condição crônica que pode resultar em perda da produtividade, adoecimento mental, abandono do trabalho e da profissão e até suicídio relacionado ao trabalho, com impactos aos indivíduos e suas famílias, bem como às instituições envolvidas.

Segundo a reportagem, estratégias podem ser desenvolvidas frente a essa problemática, dentre elas a produção de ferramentas de maior controle do cyberbullying, a criação de teclas de “aviso de assédio”, a colaboração desses aplicativos para estudos de especialistas na área, bem como um controle mais rígido de empresas que as disponibilizam, conhecidas como “lojas de aplicativos” (EL PAÍS, 2017).

Nesse sentido, a internet, embora seja um espaço onde o cyberbullying se instaura, é também um campo de dualidades e, portanto, um território fértil e imprescindível para o desenvolvimento de estratégias de reflexão e superação do cyberbullying. Para exemplificar, o aplicativo ReThink (“repensar”, em inglês), criado por uma estudante estadunidense de 15 anos, foi elaborado com a função de enviar uma mensagem de alerta e conscientização para usuários prestes a publicarem uma mensagem potencialmente ofensiva (O GLOBO, 2015), o que indica que iniciativas criativas e construtivas podem gerar resultados significativos frente a essa prática.

Em termos gerais, Vivas (2018) reitera a importância do uso seguro e responsável das TICs na busca de formar cidadãos digitais responsáveis no contexto tecnoético. Por conseguinte, esse movimento também precisa ser construído nos ambientes de trabalho, fortalecendo o respeito e a cooperação nas relações laborais, importantes não só em termos de produtividade, mas, sobretudo, no que se refere à promoção da qualidade de vida no trabalho e da saúde física e mental dos trabalhadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo refletir sobre o cyberbullying no ambiente de trabalho, a partir de reportagens publicadas sobre o tema em jornais online. Os temas identificados foram: o cyberbullying em professores, uma das categorias laborais mais suscetíveis a essa prática; o cyberbullying nos diversos contextos de trabalho, com efeitos deletérios para a saúde física e mental dos trabalhadores; e o cyberbullying relacionado ao uso de aplicativos, que podem se tornar um instrumento de agressão virtual inclusive nos ambientes de trabalho.

O jornalismo é um campo rico e privilegiado enquanto veículo de divulgação de informações sobre o cyberbullying, em especial na geração de dados sobre sua ocorrência, existência de medidas preventivas e formas de se buscar auxílio individual e coletivo para a superação do problema.

Frente à escassez de reportagens e estudos científicos sobre o cyberbullying nos contextos laborais, identificou-se a necessidade de maiores pesquisas sobre o tema, concomitante à criação de estratégias de promoção de espaços de trabalho que identifiquem essa prática, conscientizando trabalhadores e gestores em prol de um cotidiano laboral mais colaborativo e de cooperação mútua. Reitera-se também a importância da construção de uma cultura organizacional no trabalho que valorize o respeito nas relações humanas e a ética na comunicação online.

REFERÊNCIAS:

ANDRADE, Cristiane Batista; ASSIS, Simone Gonçalves. Assédio moral no trabalho, gênero, raça e poder: revisão de literatura. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, São Paulo, v. 43, e11, 2018.

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. 1 ed. São Paulo-SP: Boitempo, 2018.

BRASIL. Lei n.13185, de 6 de novembro de 2015. **Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying)**. 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm>. Acesso em: 05 mai. 2019.

BRASIL. Ministério da Economia. Secretaria da Previdência. **Saúde do Trabalhador: Dor nas costas foi doença que mais afastou trabalhadores em 2017**. 2018. Disponível em: <http://www.previdencia.gov.br/2018/03/saude-do-trabalhador-dor-nas-costas-foi-doenca-que-mais-afastoutrabalhadores-em-2017/>. Acesso em: 04 Jun. 2019.

CUPERTINO, Valéria; GARCIA, Fernando Coutinho; HONÓRIO, Luis Carlos. Prazer e sofrimento na prática docente no ensino superior: estudo de caso em uma IFES mineira. **Trabalho & Educação**, v. 23, n. 3, p. 101-116, 19 fev. 2015.

DEFENSORIA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO – DPE/SP. **Você sabe o que é cyberbullying?** 2017. Disponível em: <<https://www.cicbr.com.br/wp-content/uploads/2017/06/Cyberbullying-Cartilha-Defensoria-Publica-SP.pdf>>. Acesso em: 05 jan. 2019.

EL PAÍS. **Sarahah, o ‘aplicativo da sinceridade’ que fomentou o Cyberbullying**. 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/23/tecnologia/1503483935_042542.html>. Acesso em: 05 jan. 2019.

FERREIRA, Taiza Ramos de Souza Costa; DESLANDES, Suely Ferreira. Cyberbullying: conceituações, dinâmicas, personagens e implicações à saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n.10, p. 3369-3379, 2018.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Trad. Joice Elias Costa. 3. ed., Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Professor vira alvo de chacota e ofensa de aluno na internet**. 2010. Disponível em: <<https://m.folha.uol.com.br/educacao/2010/07/768633-professor-vira-alvo-de-chacota-e-ofensa-de-aluno-na-internet.shtml>>. Acesso em: 05 fev. 2019.

FUJITA, Jorge Shiguemitsu; RUFFA, Vanessa. Cyberbullying: família, escola e tecnologia como stakeholders. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 33, n. 97, p. 401-412, 2019.

G1. **Cyberbullying contra professores aumenta e se agrava, diz pesquisa**. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2015/12/cyberbullying-contra-professores-aumenta-e-se-agrava-diz-pesquisa.html>>. Acesso em: 05 fev. 2019.

G1. **Foto que mostraria professora nua gera polêmica em escola na Califórnia**. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/planeta-bizarro/noticia/2012/04/foto-que-mostraria-professora-nua-gera-polemica-em-escola-na-california.html>>. Acesso em: 05 fev. 2019.

G1. **Internet é a pátria dos covardes’, diz professora vítima de cyberbullying**. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2013/10/internet-e-patria-dos-covardes-diz-professora-vitima-de-cyberbullying.html>>. Acesso em: 05 fev. 2019.

G1. **Um em cada três brasileiros já sofreu cyberbullying no trabalho, diz estudo.** 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/concursos-e-emprego/noticia/2013/09/um-em-cada-tres-brasileiros-ja-sofreu-cyberbullying-no-trabalho-diz-estudo.html>>. Acesso em: 05 fev. 2019.

KRIPKA, Rosana Maria Luvezute; SCHELLER, Morgana; BONOTTO, Danusa de Lara. Pesquisa documental na pesquisa qualitativa: conceitos e caracterização. **Revista de Investigaciones UNAD**, v.14, n.2, 2015.

LÜDKE, Menga.; ANDRÉ, Marli. **A pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

NETO, Mariana et al. Workplace Bullying and Presenteeism: The Path Through Emotional Exhaustion and Psychological Wellbeing. **Ann Work Expo Health**, v.61, n.5, p. 528-538, 2017.

O GLOBO. **Menina de 15 anos cria app para combater cyberbullying.** 2015. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/menina-de-15-anos-cria-app-para-combater-cyberbullying-17283743>>. Acesso em: 05 jun. 2019.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **OMS: empresas devem promover saúde mental de funcionários no ambiente trabalho.** 2017. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/oms-empresas-devem-promover-saude-mental-de-funcionarios-no-ambiente-trabalho/>>. Acesso em: 04 Jun. 2019.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **Estresse no local de trabalho: É hora de aliviar o fardo.** 2016. Disponível em: <https://www.ilo.org/brasilia/noticias/WCMS_475248/lang-pt/index.htm>. Acesso em: 04 Jun. 2019.

RESETT, Santiago; PUTALLAZ, Paula Romina. Cybervictimización y cyberagresión en estudiantes universitarios: problemas emocionales y uso problemático de nuevas tecnologías. **Revista psicodebate: psicología, cultura y sociedad**, Ciudad de Buenos Aires, v. 18, n. 2, p. 38-50, 2018.

THE GUARDIAN. **Cyberbullying in the workplace: 'I became paranoid'.** 2017. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/careers/2017/mar/30/cyberbullying-in-the-workplace-i-became-paranoid>>. Acesso em: 05 fev. 2019.

VIVAS, Willy Jharinton. Uso seguro y responsable de las TIC: una aproximación desde la tecnoética. **Ciencia, docencia y tecnología.** Concepción del Uruguay, n. 57, p. 235-255, 2018.

ZUZELO, P. R. Going to Work While Sick: The Phenomenon of Sickness Presenteeism. **Holist Nursing Practice**, v. 31, n. 1, p. 59-61, 2017.